

A COLEÇÃO MEMÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA E A EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA DOS ESTUDOS BIBLIOTECONÔMICO-INFORMACIONAIS NO BRASIL: SOBRE COLEÇÕES BIBLIOGRÁFICAS COMO FATOS EPISTÊMICOS

Gustavo Silva Saldanha

Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

E-mail: saldanhaquima@gmail.com

Diogo Xavier da Mata

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: diogo.biblio@gmail.com

Amanda Salomão

Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail:

amandachrisalomao@msn.com

Caio Cabral

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: caiocabralcas@gmail.com

RESUMO

Fruto de um estudo mais amplo, interessado no percurso que vai da preservação à apropriação epistemológica da Coleção, a reflexão dialoga, na perspectiva teórica, com Didi-Huberman e a condição de “vazio” das obras de arte, transportada aqui para um modo de ver e de apreender o desafio epistemológico-historiográfico que as obras científicas, em sua singularidade, e a Coleção, em sua pretensa unidade, nos prova e nos inquieta. Do mesmo modo, trata-se de abordar a coleção bibliográfica como um fato epistêmico, capaz de desvelar a epistemologia histórica de um campo e atuar como argumento crítico a uma economia política da substancialização da noção de informação no campo. Neste sentido, o estudo ilumina a Coleção Memória da Biblioteconomia, sediada na Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, fruto da doação da Fundação Biblioteca Nacional. A Coleção refere-se objetivamente à composição de ferramentas didáticas para o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, constituído em 1911. No plano empírico, o estudo discute a singularidade inicial da Coleção a partir de sua manifestação descritiva, tendo como elementos observáveis o tempo, a temática e as autorias. As primeiras impressões conclusivas demonstram a configuração deste vazio, fundado desde a ausência de estudos sobre a Coleção à dinâmica labiríntica do acervo inexplorado. Porém, ao mesmo tempo, o percurso reconhece a construção singular de um fragmento fundamental da epistemologia histórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, capaz de revelar uma cultura do pensamento e das práticas de ensino no campo pouco refletidas.

Palavras-chave: Coleção Memória da Biblioteconomia. Biblioteca Nacional do Brasil. Epistemologia histórica. Coleção bibliográfica. Fato epistêmico.

**THE LIBRARY SCIENCE MEMORY COLLECTION
AND THE HISTORICAL EPISTEMOLOGY OF
INFORMATION STUDIES IN BRAZIL:
BIBLIOGRAPHIC COLLECTIONS
AS EPISTEMIC FACTS**

ABSTRACT

The Library Science Memory Collection, based today in the Central Library of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO), is the result of the donation of the Brazilian National Library, and objectively refers to the composition of didactic tools for the first course in Brazilian Library Science constituted in 1911. The objective is to discuss the initial singularity of the Collection, from its descriptive manifestation, having as observable elements the time, thematic and authorship. In the same way, it is a question of approaching the bibliographic collection as an epistemic fact, capable of revealing the historical epistemology of a field and acting as a critical argument to a political economy of the substantialization of the notion of information in the field. As a result of a larger study, interested in the path from preservation to the epistemological appropriation of the Collection, the reflection dialogues, in theoretical perspective, with Didi-Huberman and the condition of "emptiness" of works of art, transposed here to a mode of to see and to apprehend the epistemological-historiographic challenge that works, in its singularity, and the Collection, in its pretended unity, proves and troubles us. The first conclusive impressions demonstrate the configuration of this void, founded from the absence of studies on the Collection to the labyrinthine dynamics of the unexplored collection.

Keywords: Library Science Memory Collection. National Library of Brazil. Historical epistemology. Bibliographic collection. Epistemic fact.

**1 INTRODUÇÃO AO LABIRINTO DE UMA CERTA COLEÇÃO
BIBLIOGRÁFICA**

Inelutável [...] é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 29)

Em sua reflexão sobre as obras de arte do minimalismo, o teórico francês Georges Didi-Huberman (1998, p. 29) nos chama a atenção para um modo de olhar, ou, em termos específicos, para a capacidade de perceber que o olhar é, fundamentalmente, uma abertura para direções que podem se multiplicar. Um paradoxo se instala no ver: aquilo

que observamos igualmente nos observa, nos perscruta, nos admira e/ou nos oculta. Em suas palavras,

O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 29)

A história desta pesquisa inicia-se com a cisão do olhar diante de uma coleção: o que vê em nossos olhos enquanto nos observa a Coleção Memória da Biblioteconomia (CMB), presente na Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)?

A experiência do olhar em Didi-Huberman (1998) aponta para a tentativa de compreender, na arte minimalista, objetos, coisas, traços, que se apresentam em seu vazio.

[...] **coisas a ver de longe e a tocar de perto**, coisas que se quer ou não se pode acariciar. **Obstáculos, mas também coisas de onde sair e onde reentrar**. Ou seja, **volumes dotados de vazios**. Precisemos ainda a questão: o que seria um volume – um volume, um corpo já – que mostrasse, no sentido quase wittgensteiniano do termo, a perda de um corpo? O que é um volume portador, mostrador de vazio? Como mostrar um vazio? E como fazer deste ato uma forma – uma forma que nos olha. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 29, grifo nosso)

Diante da coleção encontramos, inicialmente, duas grandes linhas demarcatórias de fundo didi-hubermaniano: “coisas a ver de longe”, a grande narrativa oculta da coleção; “coisas a tocar de perto”, as obras, os exemplares em seu formato retangular, fechados, à espera. Representam, a coleção e seus componentes, grandes “obstáculos” ao modo de ver e ao modo de pensar na epistemologia histórica do conhecimento biblioteconômico-informacional (expressão usada aqui como sinônimo de BCI), mas, como aponta Didi-Huberman (1998), coisas que nos permitem entrar e reentrar, fonte inesgotável de imersão e reflexão.

A condição da Coleção nos interessa, pois, inicialmente, é como um “vazio” no sentido didi-hubermaniano, e está aqui a questão de pesquisa que nos acossa: o que nos conta esta coleção enquanto arranjo de artefatos, blocos de conteúdo (quase) intocados? A condição da ausência de estudos sobre esta coleção remonta diferentes problemas da

Biblioteconomia & Ciência da Informação (BCI) no Brasil. São motivos, pois, de justificativa deste trabalho, para citar alguns, as lacunas historiográficas, os apagamentos biobibliográficos e os silêncios institucionais.

Destaca-se, no percurso de enfrentamento do vazio desta coleção, o estudo de Weitzel (2010), dando continuidade aos seus estudos anteriores (WEITZEL, 2002), orientados para a compreensão da história da disciplina Formação e Desenvolvimento de Coleções no contexto brasileiro a partir das obras. Destacamos ainda o trabalho de Grau, Silva e Costa (2013), no qual as autoras relatam o tratamento dado à coleção pela Biblioteca Central da UNIRIO, como a catalogação automatizada e o interesse em iniciar a digitalização integral do acervo.

Observamos que, no âmbito da pesquisa científica em BCI, estes compõem as raras intervenções reflexivas no Brasil que abordaram diretamente a CMB. Contudo, a apropriação se deu, no primeiro caso, como demonstrado, sob a preocupação de abordar a coleção e seus volumes como parte de um corpus que permitiria responder à questão da disciplina destacada, objeto de estudo da pesquisadora. Não estava representada, pois, a coleção como objeto central do estudo. Por analogia, o segundo caso também não tratou da coleção em si, mas do processamento técnico que se desenrolava à época. Portanto, podemos afirmar que o vazio ainda paira sobre o objeto que nos direciona o olhar (e que nos olha).

Ainda outra investigação, realizada em 2013, partiu igualmente de indícios da CMB para explorar horizontes de pesquisa mais amplos. Saldanha & Alvares Junior (2013), a partir do acervo histórico do *Library Journal* presente na coleção, propuseram um estudo sobre a prática de indexação de artigos científicos no pensamento biblioteconômico-informacional no século XIX. À procura, insistimos, de modo semelhante, não era estudar “a Coleção”, mas explorar seus volumes, seus componentes, tencionando-os para outros cenários de reflexão, neste caso, os enfoques históricos da teoria da representação temática. Por fim, faz-se relevante registrar o desenvolvimento de uma tradição recente de estudos da CMB oriunda de projetos de ensino, de pesquisa e de extensão nesta década em curso a partir dos docentes do Departamento de Biblioteconomia da UNIRIO, como os estudos sobre organização do conhecimento de Naira Christofolletti Silveira e sobre bibliotecas públicas de Alberto Calil Júnior.

A percepção sobre a ausência de estudos da coleção tem, objetivamente, uma condição crítica mais ampla. A eleição de objetos de investigação e as dissimulações dos

delineamentos de objetos constituídos ao longo das lutas científicas, conforme investigado pela crítica de Bourdieu (2012, 2013), e das promessas contidas nas grandes narrativas teóricas, discutido em Kuhn (1975), no plano epistêmico, transpostas para o escopo dos estudos informacionais, afasta a coleção e seus componentes como foco analítico e crítico-histórico da BCI. Exatamente neste sentido, Murguia (2009) alertava para a necessidade de uma abordagem do livro para além da informação, noção-conceito-objeto clássico adotado pelo campo sob a influência do pensamento anglófono. Entraria, pois, neste escopo, o vasto cenário de investigações sobre as instituições, seus sujeitos, seus transcurso. A CMB, nesta dinâmica crítica, resta como outro elemento – ainda em seu vazio que nos olha – que permite reconfigurar olhar histórico sobre o curso epistemológico de substancialização da noção de informação no campo.

Dadas estas condições, no sentido que procuramos aqui explorar, a coleção pode ser vista (e, distintamente, esta coleção assim nos olha) como um fato epistêmico: a CMB traduz um tempo, um espaço, um solo epistemológico, um conjunto de ideias ora dispersas, ora sincronizadas, além de subcoleções de noções e de conceitos dispersos, submersos, sobrepostos, fragmentados. Pensar nosso modo de constituição institucional, curricular, metodológica, teórica, passa pela compreensão deste vazio epistemológico-histórico. O exercício realizado pela obra de Weitzel (2002) diz muito sobre isto: a partir de um conjunto de fragmentos (palavras, títulos, capítulos) podemos reconstituir movimentos pré e pósdisciplinares, horizontes metodológicos, decisões políticas.

Figura 1: Registro fotográfico de parte da Coleção Memória da Biblioteconomia em 2016.



Fonte: Banco de imagens do Grupo de pesquisa Ecce Liber: Filosofia, Linguagem e Organização dos Saberes

Não tocados, não observados, os “volumes” nada mais são do que objetos minimalistas didi-hubermanianos puros: portadores de vazio que se mostram através do próprio vazio (em nosso caso, a coleção encerrada em si mesma, sem alguém para observar). A CMB sustenta-se no Rio de Janeiro como uma grande dúvida: afinal, o que nos olha, o que nos observa em seus volumes fechados a Coleção Memória da Biblioteconomia?

2 SOBRE EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA E O FATO EPISTÊMICO DA COLEÇÃO MEMÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA

Sendo um lugar que procura estabelecer o pertencimento e reconhecimento, faz-se necessário enfatizar a questão da cultura material na biblioteca, questão que é importante, uma vez que a materialidade, como condição do saber institucionalizado na letra, é necessária no momento no qual o acervo é tomado como um instrumento para a compreensão. (MURGUIA, 2009, p. 99)

O que nos contam as coleções bibliográficas? O que a Coleção Memória da Biblioteconomia diz, em silêncio, ao nos olhar? Sob o ponto de vista de uma epistemologia histórica, atenta ao papel da linguagem (mais precisamente, das linguagens) que conforma dado modo de construção de um corpo de saberes, existem registros presentes nas coleções de fundo acadêmico-científico que podem nos revelar as próprias circunstâncias tácitas de constituição de uma dada cientificidade.

Retomando a etimologia do termo *collectio*, a partir do indoeuropeu, Francisco Marshall (2005) reencontra o vínculo originário com as noções de “coletar” e “falar”. Tais vínculos, por sua vez, estão relacionados ao contexto dos processos civilizatórios de cada comunidade, fundados na constante da vida comunitária que responde pelas necessidades de sustentabilidade e de comunicação. Encontram-se aqui, pois, a partir da leitura de Marshall (2005), uma espécie de procura pela verdade de cada comunidade, ou de espelhamento de tal verdade. Eis uma relação entre saber-falar-ordenar, em um ciclo que se resume, em nosso olhar, no âmbito das coleções bibliográficas de cientistas ou de “ciências” (acervos de formação do teórico-investigador-docente ou de seus alunos em um dado domínio), como um fato, social como todo fato, mas, neste caso, ancorado ainda na extensão predicada do campo científico: um fato epistêmico. Como visto em Janeira (2005), trata-se de perceber “a coleção entre o saber e o domínio do conhecimento científico sobre o saber”.

A noção de fato epistêmico aqui proposta recupera, pois, a pretensão de cientificidade do olhar sobre os fenômenos empreendidos pela pesquisa e pelo discurso de formação-atuação do pesquisador no ambiente acadêmico. Em outros termos, problematizamos a noção segundo o que Janeira (2005) indica como elementos típicos da Modernidade, a saber, a luta por um modelo de razão, de método, de disciplina que marca este percurso de invenção da cientificidade. Logo, a epistemologia responde por este conjunto de práticas teórico-aplicadas, e terá a coleção (acadêmico-científica) como um espelhamento e ao mesmo tempo a forma de constituição de tal discurso de verdade, manifestado pela linguagem registrada dos livros, nos catálogos, nos índices.

Segundo Marshall (2005, p. 22),

a relação entre coleção, razão e linguagem não pode ser desprezada, pois encontra-se nas raízes culturais de boa parte da humanidade e dela decorrem as demais especializações históricas que hoje conhecemos. A condição moderna é também a soma de todos os potenciais históricos construídos *ex illo tempore*. A dimensão profunda de nossa identidade cultural inclui densas camadas de memória cultural, fatores dominantes ou recessivos de nosso código genético, prontos a eclodir de seu estado de latência, em expressões e cruzamentos que nem sempre chegamos a perceber ou controlar.

Nosso olhar aqui permite-nos pensar a “soma dos potenciais” como o conjunto de vestígios conceituais, teóricos e metodológicos presentes nas coleções oriundas de tradições acadêmico-científicas (de ensino e de pesquisa). A “identidade cultural”, por sua vez, problematizada à luz da coleção em sua condição conceitual, pode em tal contexto significar o próprio universo da figuração sempre aberta (ainda que o contrário seja a marca de tal condição) da verdade como fundamento epistêmico, a tentativa utópica da unidade semântica de um dado campo. Para a formação do pensamento biblioteconômico-informacional isto nos parece objetivamente flagrante.

Quando Murguia (2009, p. 88) chama a atenção para a centralidade das coleções, “fim último da razão de ser das bibliotecas”, acreditamos estar junto de seu pensamento em uma das regiões mais centrais, e plurais, de produção de uma reflexão sobre a epistemologia histórica do campo. Em sua reflexão direta sobre a questão da coleção e das coleções bibliográficas na formação do pensamento biblioteconômico-informacional, o autor demonstra que a aproximação aos domínios gerenciais produziu um olhar sobre os

processos dentro das instituições, em busca de racionalização dos itens colecionáveis no espaço da biblioteca, afastando o desenvolvimento de outras configurações de estudo.

A partir do contexto administrativo da gestão das coleções, segundo Murguia (2009), pode-se reconhecer uma forma a-histórica de perceber as coleções bibliográficas, suas origens, seus percursos. Os vínculos simbólicos e as estruturas sociopolíticas que constroem e desconstroem as práticas que fundam a coleção são, desta maneira, apagados. O percurso da análise de Murguia (2009) estabelece, assim, um ponto central para a crítica epistemológico-histórica: o abandono do objeto de estudo livro (bem como do objeto de estudo coleção) em prol do objeto informação em BCI. Esse fato está no cerne da reflexão sobre a CMB.

O movimento histórico-teórico visualizado por Murguia (2009) sugere-nos, inicialmente, um vestígio do esquecimento, o sinal espaço-temporal no silêncio: todo o conteúdo e toda a forma, ou a forma-conteúdo dos livros que nos olham na CMB parecem, ao discurso histórico do campo, uma anti-histórica, a negação do desenvolvimento do campo. A pretensa substancialização do objeto de estudo (a informação contra o livro, contra o documento, contra a coleção, contra a biblioteca) sustenta uma falsa argumentação epistêmica de separação entre o material e o imaterial.

Desta maneira, quando Marshall (2005, p. 22) aponta que “Seria uma redução absurda dos horizontes identitários circunscrevermos a condição moderna à duração do Estado Moderno, desprezando o imenso lastro de experiências e memórias acumulado por nossa espécie”, nosso olhar sobre uma dada coleção de Biblioteconomia se pergunta justamente pelo decurso a-epistêmico de uma cegueira sobre as coleções históricas do campo: a negação de fatos epistêmicos centrais para a formação de um pensamento (lembrando sempre, em tal pensamento, o dito saber epistemológico clássico pós-Iluminismo, encontramos um dos modelos mais sólidos de conformação da própria ideia de Modernidade).

No coração de uma dada epistemologia, pois, a CMB se coloca no conturbado processo histórico do pensamento biblioteconômico-informacional, contraditório em sua afirmação epistêmica dedicada à operação de controle de vocabulários, por exemplo e, ao mesmo tempo, significado por inúmeras nomenclaturas de afirmação epistêmica, incluindo mudanças terminológicas na própria estrutura geral de sua ciência, de seus nomes-disciplina, como um fato epistêmico clarividente diante de tal historicidade: sua presença-ausência – ou, segundo os termos de Marshall (2005, p. 22), seu estado de

latência - que nos olha revela um contexto central (e delicado) de fundamentação do nosso campo.

3 ADENTRANDO O LABIRINTO DA COLEÇÃO: NARRATIVA HISTÓRICO-METODOLÓGICA

Restaria [...] um outro destaque que consideraria a biblioteca como um espaço físico evocador de lembranças e simbolicamente como elemento fundamental de criação de identidades, sejam individuais ou coletivas.
(MURGUIA, 2009, p. 98)

A história desta pesquisa resulta dos exercícios de diálogo entre teoria e prática desenvolvidos pelo grupo de pesquisa “Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes”, interessado em repensar conceitos, abordagens, métodos, práticas, instituições e biografias tecidos no âmbito da vivência biblioteconômico-informacional. Tendo entrado em contato com a CMB no ano de 2012, a partir de diálogos entre docentes e discentes da UNIRIO, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o grupo elaborou um conjunto de direções para a intervenção na coleção, discriminadas a partir de etapas que visavam à passagem do polo da preservação à compreensão epistemológica.

Em termos pontuais, encontramos o seguinte percurso: Política de preservação; Apropriação descritiva; Descrição ampliada; Apropriação temática; Mapeamento conceitual; Compreensão epistemológica. Entre 2013 e 2016, os participantes da imersão no vazio da coleção realizaram duas visitas técnicas, uma oficina de preservação e a disciplina de Tópicos Especiais em Representação Descritiva, com o intuito de efetivar as primeiras aproximações coerentes à CMB.

Figura 2: Registro fotográfico de intervenção do grupo de pesquisa na Coleção Memória da Biblioteconomia em 2015.



Fonte: Banco de imagens do Grupo de pesquisa Ecce Liber: Filosofia, Linguagem e Organização dos Saberes

No âmbito macro da intervenção, o resultado final esperado na última etapa “compreensão epistemológica”, dado o conjunto descritivo-temático da coleção reconhecido e finalizado seu mapeamento conceitual, é conhecer o que nos conta o fato epistêmico (o vazio de uma teoria aplicada do conhecimento) revelado por esta coleção. O fruto maior, projetado como busca programático-metodológica, é a construção do que o grupo trata hoje como Centro de Estudos Históricos e Epistemológicos da Biblioteconomia Brasileira (CEHEBB), exercício de projeção máxima da experiência em curso, cuja concretude está em estabelecer uma “oferta de sentido” ao vazio da CMB e lançar o desafio para novas interpretações advindas de diferentes tradições de pesquisa.

Para este momento, a etapa que propomos discutir foi o que tratamos como “apropriação descritiva”, que visa identificar, mapear e analisar a infraestrutura formal da CMB hoje, ainda em seu vazio, na identidade fria e silenciosa dos seus registros catalográficos, ou seja, o modo mais objetivo de seu olhar para o pesquisador que ali aporta. Neste sentido, observamos pontualmente, aqui, as questões temporais, temáticas e autorais da Coleção, segundo sua representação descritiva.

4 AS DIREÇÕES DO LABIRINTO: BREVES PANORAMAS DA COLEÇÃO MEMÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA

[...] somente identificando as origens das coleções, poderemos posteriormente mantê-las e administrá-las. Resta saber a maneira pela qual, no mundo da cultura material, apresentando características próprias, o livro possa apresentar uma dinâmica singular na atividade do colecionismo como mediador entre o sujeito e a realidade. (MURGUÍA, 2009, p. 102)

A CMB, sediada hoje na Biblioteca Central da UNIRIO, foi constituída a partir de uma doação da Fundação Biblioteca Nacional, e refere-se objetivamente à composição de ferramentas didáticas para o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, constituído nesta instituição. Segundo Weitzel (2010), Rubens Borba de Moraes registra a formação inicial da coleção a partir da doação do Salão de Referência, com um total de 200 obras em 254 volumes, ampliando-se posteriormente através de compra, doação e permuta.

Este “desenvolvimento da coleção” consolida a totalidade do acervo chamado atualmente CMB, migrado para UNIRIO em 1969, quando o curso, conforme Weitzel (2010) relata, é transferido para a então Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG). Atualmente o acervo conta com 693 (seiscentos e noventa e três) registros, dados esses registrados pela pesquisa em sua etapa de coleta, a saber, os anos

de 2015 e 2016. A identidade visual dos registros de propriedade abaixo remonta parte do processo “migratório” da CMB.

Figura 3: Identidade visual dos registros de propriedade da Coleção Memória da Biblioteconomia.



Fonte: Coleção Memória da Biblioteconomia.

Para apresentação dos dados, a escolha prioritária da ordenação alfabética dos registros é resultado de nossa procura pela visualização qualitativa, antes de quantitativa, buscando compreender os registros existentes enquanto unidades conceituais como potenciais epistêmicos iniciais, indícios de uma configuração teórica. Após a tabulação dos 693 registros por idade, assunto, assunto nome-próprio e forma, as primeiras considerações analíticas são aqui apresentadas.

- O labirinto bibliográfico no tempo

Em linhas gerais, observamos que grande parte das obras do século XIX até o início do século XX, sobretudo no idioma francês, referem-se a livros das chamadas “origens humanistas” (fontes vinculadas a tradições da linguagem, da Arte, da História e dos estudos literários). Por outro lado, os livros de meados do século XX até a década de 1970, muitos em língua inglesa, correspondem às obras de fundo ditas “mais tecnicistas”, visto ser a época em que a influência americana penetrava no âmbito teórico, didático e profissional da Biblioteconomia brasileira. Em seus limites, a Coleção apresenta como obra mais antiga uma publicação indexada pelos termos “Impressão – França – História”, do ano de 1740, intitulada *Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'imprimerie* de Prosper Marchand; a mais atual, em contrapartida, pertence ao assunto “Tesouros”, intitulado Manual para construção de tesouros, de Jean Aitchison, sendo publicada em 1979.

A divisão através dos séculos nos apresenta a primeira visualização geral da Coleção, quando considerado seu labirinto temporal. A Tabela 1, a seguir, apresenta a estrutura do acervo distribuído entre os séculos XVIII, XIX e XX:

Tabela 1: Quantitativo de obras por século na Coleção Memória da Biblioteconomia.

Século	Quantidade de obras
Século XVIII	3
Século XIX	95
Século XX	568

Fonte: Coleção Memória da Biblioteconomia – UNIRIO, 2016.

À primeira vista, a objetividade de tais dados brutos demonstra que o curso de Biblioteconomia, criado em 1911 e iniciado em 1915, provavelmente contou com um amplo apoio bibliográfico, do acervo da Biblioteca Nacional, para além da coleção que futuramente chegou até a CMB. A concentração quantitativa de itens publicados no século XX indica um crescimento exponencial da coleção nas décadas que sucederam a criação do curso, como podemos observar na Tabela 2.

Outra observação analítica possível está na relevância, ao mesmo tempo, de um rico acervo do século XIX, ou seja, o reconhecimento, o recolhimento e o “uso”, a princípio, de uma produção teórico-técnica advinda do século anterior, de caráter internacional, aplicada ao contexto brasileiro, obras estas raramente presentes nas reflexões da pesquisa teórica e empírica em BCI. Quando discriminada por décadas, a demarcação temporal da publicação das obras (Tabela 2) esclarece outras características da idade da Coleção e de sua formação, bem como enfoca o olhar para alguns fatos epistêmicos do campo.

Tabela 2: Idade dos itens da Coleção Memória da Biblioteconomia por década.

Décadas	Quantidade de obras
1740-1749	1
1760-1769	1
1790-1799	1
1800-1809	1
1810-1819	3
1820-1829	3
1830-1839	3
1840-1849	4
1850-1859	7
1860-1869	17

1870-1879	19
1880-1889	18
1890-1899	20
1900-1909	32
1910-1919	16
1920-1929	33
1930-1939	79
1940-1949	117
1950-1959	112
1960-1969	141
1970-1979	38

Fonte: Coleção Memória da Biblioteconomia – UNIRIO, 2016.

Podemos perceber a presença exponencial de livros publicados entre 1940 e 1969, mencionado anteriormente, em relação ao período anterior. Isto se coaduna, em termos sócio-históricos, com o período posterior ao aparecimento da escola paulista de Biblioteconomia e a transformação do modelo de desenvolvimento de formação biblioteconômica na Biblioteca Nacional, após a passagem, ainda em 1940, de Rubens Borba de Moraes pela instituição, bem como a ampliação de uma produção bibliográfica de fundo aplicado, orientada para os cursos de Biblioteconomia no país.

O desenvolvimento de um novo acervo específico para o curso, atualizado e também orientado para outras perspectivas, que não apenas aquelas “ditas humanistas”, teria conduzido esta multiplicação – em parte, a substituição das obras de bibliologia aplicada, bibliofilia, bibliografia, por documentos de técnicas biblioteconômicas e organização do conhecimento. Registra-se também as três décadas de destaque, 1940, 1950 e 1960, como o período que antecede, prepara e vivencia a regulamentação da profissão, com a Lei 4.084, de 1962. Também é a época da construção do currículo mínimo para a formação em Biblioteconomia no país, o que reafirma o espelhamento entre a transformação temática da Coleção e seu contexto histórico. Neste sentido, o desenho do acervo que se avoluma na época, em grande medida, responde por uma ânsia de “profissionalização” e “teorização científico-acadêmica” do discurso no pensar e no fazer, manifesto na expressão quantitativa e objetivada no crescimento do acervo.

- A temacidade labiríntica da coleção bibliográfica

Reconhecendo a totalidade de registros da Coleção, composta por 693 (seiscentos e noventa e três) obras, como dito anteriormente, identifica-se, segundo o plano de descrição-indexação atual, a representação temática a partir 356 (trezentos e cinquenta e seis) “assuntos”. Adotamos, como critério de seleção para a análise, a observação de assuntos que tivessem 3 (três) ou mais registros, destinando os assuntos que possuísem 1 ou 2 registros bibliográficos à categoria “Outros”. Preservamos o conhecimento de que estes assuntos não puderam ser devidamente estudados no escopo deste trabalho, tendo em vista que a ideia de miscelâneas nada contribui para revelar o mistério que nos cerca neste momento. Sendo assim, reservamos a ideia de estudá-los separadamente em outro texto, mas estes itens devem ser apresentados aqui por questões de fidelidade metodológica, mesmo que sob a classificação “Outros”. O Gráfico 1 apresenta a estrutura da temacidade da Coleção.

De acordo com o gráfico, tendo por base os 356 (trezentos e cinquenta e seis) assuntos existentes no acervo e os 50 (cinquenta) tabulados, bem como as 693 (seiscentas e noventa e três) obras que compõem a CMB, é possível observar que o assunto “Biblioteconomia” é o que contém mais registros, totalizando 30 obras, isto é, aproximadamente 4,4% do acervo, respondendo pela luta por uma outra cientificidade na epistemologia histórica do campo no Brasil a partir de meados do século XX. O foco das obras, no entanto, não é reflexivo, ou seja, não aponta para uma discussão do campo no ponto de vista epistemológico.

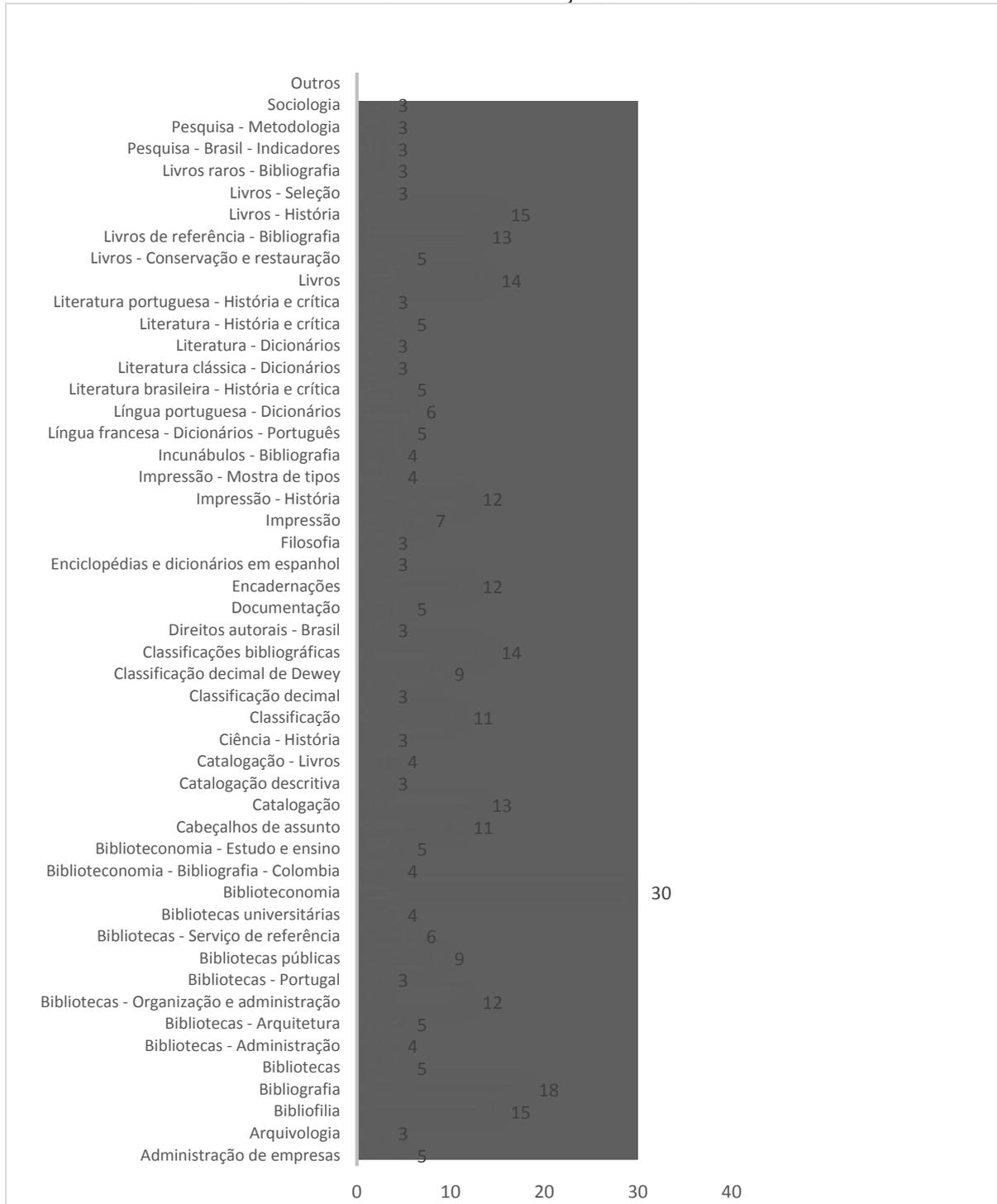
O termo “biblioteconomia” é, pois, usado aqui como parte de uma teoria e de uma aplicação das práticas biblioteconômicas, de fontes históricas e institucionais, e, ainda, dos serviços e produtos desenvolvidos especificamente em bibliotecas. A noção não responde assim por uma construção dos usos institucionais (acadêmicos e científicos) e epistemológicos (discussão metacientífica ou de demarcação de uma teoria do conhecimento) tecidos sob o termo “biblioteconomia” no país. São exemplos as publicações *Bibliothéconomie, ou Nouveua manuel complet pour l'arrangement, la conservation et la administration des bibliothèques*, de Léopold-Auguste Constantin, de 1841; *A Bibliography of librarianship: classified and annotated guide to the library literature of the world (excluding slavonic and oriental languages)*, de 1934, “A biblioteca ambulante do soldado: oito meses de funcionamento, maio-dezembro de 1943”, de Nair Miranda Pirajá, de 1944; *Bibliografia bibliotecologica colombiana: 1961-1965*, publicado por Luis Florén Lozano, de 1968.

Em seguida, após o assunto “Biblioteconomia”, têm-se o assunto “Bibliografia”, que totaliza 18 obras, contabilizando em torno de 2,6% da Coleção (constatação que, por sua vez, remonta o processo histórico de formação do pensamento biblioteconômico em suas raízes francesas no território brasileiro). Com 15 (quinze) registros, respondendo pelo mesmo contexto, os assuntos “Bibliofilia” e “Livros – História” ocupam a terceira posição, totalizando, cada assunto, aproximadamente 2,2% da Coleção. Estes são, no olhar crítico sobre a epistemologia histórica em curso, as grandes marcas distintivas de afirmação da disciplina até os anos 1970, quando o discurso sobre a informação inicia um outro processo de mutação terminológica no campo.

Os assuntos “Classificações bibliográficas” e “Livros”, por sua vez, totalizam 14 (quatorze) obras cada, abarcando cada um, aproximadamente, 2% da Coleção. Já os assuntos referentes aos termos “Catalogação” e “Livros de referência – Bibliografia”, somam 13 (treze) itens cada, totalizando aproximadamente, cada termo, 1,9% do acervo. Os termos que totalizam 12 (doze) obras, “Bibliotecas – Organização e administração”, “Encadernações”, e “Impressão – História”, somam cada um 1,7% da Coleção. Ainda, os assuntos referentes ao tema “Cabeçalhos de assunto” e “Classificação” possuem 11 (onze) registros, ocupando cada um em torno de 1,6% do acervo. “Bibliotecas públicas” e “Classificação decimal de Dewey” representam, cada termo, 9 (nove) obras da Coleção, totalizando aproximadamente 1,3% do acervo. Já o termo “Impressão” contém 7 (sete) registros, abrangendo cada assunto em torno de 1% da Coleção. Tais marcas temáticas demonstra o jogo histórico de conceitos teórico-metodológicos que ilustram a dinâmica das categorias que orbitam os conceitos disciplinares, como Biblioteconomia e Bibliografia.

Complementando tais categorias, os termos que contemplam 6 (seis) registros em cada assunto, como “Bibliotecas – Serviço de referência” e “Língua portuguesa – Dicionários”, não abarcam nem 1% da Coleção, chegando à aproximadamente 0,9%. Por sua vez, os seguintes termos possuem apenas 5 (cinco) obras de cada assunto, contemplando apenas 0,7% da Coleção: “Administração de empresas”; “Bibliotecas”; “Bibliotecas – Arquitetura”; “Biblioteconomia – Estudo e ensino”; “Documentação”; “Língua francesa – Dicionários – Português”; “Literatura brasileira – História e crítica”; “Literatura – História e crítica”; e, por fim, “Livros – Conservação e restauração”.

Gráfico 1: Os temas estruturais da Coleção Memória da Biblioteconomia



Fonte: Coleção Memória da Biblioteconomia – UNIRIO, 2016.

Como visto, afóra os assuntos de grande relevo quantitativo, a maior parte do acervo corresponde à barra “Outros”, abarcando 312 (trezentos e dois) assuntos que contêm apenas um ou dois registros, totalizando 351 (trezentos e cinquenta e uma) obras ou aproximadamente 51% da Coleção. Em síntese, considerando-se o total de assuntos tabulados, observa-se que os termos que possuem mais registros bibliográficos são os

seguintes: “Biblioteconomia” (30 obras); “Bibliografia” (18 obras); “Bibliofilia” e “Livros – História” (15 obras). É necessário considerar, de imediato, a profunda linha fronteira desta primeira figuração classificatória, cuja subjetividade abre os canais de sobreposição entre os conteúdos presentes nas obras identificadas sob as categorias previamente listadas.

Dadas as primeiras impressões, é possível depreender uma forte influência do chamado “caráter humanístico” da Coleção, que conta, em grande parte, com obras relacionadas à “corrente humanista” da Biblioteconomia mencionada em Castro (2000) e Fonseca (2007), sobretudo oriundas do século XIX. Dessa forma, torna-se objetiva a compreensão da fundamentação francesa do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil, pelo menos até meados do século XX.

Contudo, posteriormente, quando da influência da “vertente tecnicista estadunidense” no Brasil, disciplinas referentes à catalogação, à classificação, ao serviço de referência, dentre outras, foram ganhando força na Biblioteconomia brasileira, relação esta manifestada pela transformação da Coleção. Tal fato pode ser observado tendo por base a própria CMB, que demonstra uma gama de obras relacionadas à “vertente tecnicista” que influenciaram também os primeiros cursos de Biblioteconomia, sendo algumas delas: “Catalogação” (15 obras); “Classificações bibliográficas” (14 obras); “Livros de referência – Bibliografia”; e “Cabeçalhos de assunto” (11 obras).

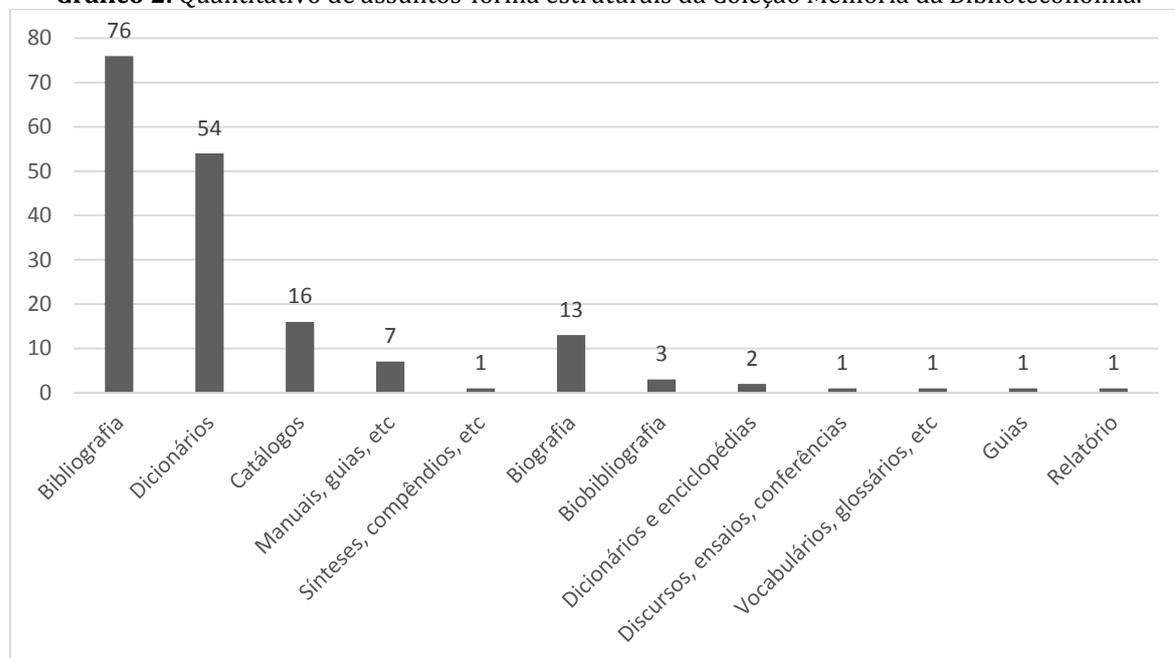
Do ponto de vista de uma abordagem crítica da formação do bibliotecário, os indícios temáticos não evidenciam marcas de transformação relevantes no decurso da CMB. Assim, as abordagens orientadas para as pautas da luta social e da redução das desigualdades no Brasil, a partir do pensamento e da práxis do bibliotecário não podem, no plano panorâmico do estudo sobre as quase setecentas obras, ser reconhecidas, a não ser a partir de hipóteses como da presença do início de uma discussão potencial permitida por disciplinas como “bibliotecas públicas” e “sociologia” (para Biblioteconomia) manifestadas na Coleção.

- O labirinto bibliográfico dos assuntos-forma

Já no que se refere à compreensão dos assuntos por forma, encontramos a predominância do papel das bibliografias na construção das fontes referenciais do acervo – uma marca central da influência histórica francesa na construção do pensamento

biblioteconômico brasileiro, evidência que documenta, ainda, a papel macrodisciplinar na conformação epistemológica do campo. O Gráfico 2 apresenta os dados estruturais dos assuntos-forma:

Gráfico 2. Quantitativo de assuntos-forma estruturais da Coleção Memória da Biblioteconomia.



Fonte: Os autores (2018).

Com base no gráfico supracitado, no que tange à identificação dos itens de acordo com sua forma, dos registros catalográficos reconhecidos até 2016, 176 (cento e setenta e seis) obras possuem algum formato explicitado distinto das obras de conteúdo, isto é, 25% da Coleção é composta por obras de referência. Destas obras, 76 (setenta e seis) são “Bibliografia”, correspondendo à aproximadamente 11% do acervo.

Em seguida, encontram-se os “Dicionários”, observados em 54 (cinquenta e quatro) registros, abrangendo em torno de 7,8% do acervo. Os “Catálogos”, por sua vez, correspondem à aproximadamente 2,3% da Coleção, contemplando 16 (dezesesseis) itens. Já as “Biografias” respondem à 13 (treze) obras da Coleção, abarcando em torno de 1,9% do acervo. Ainda, os “Manuais, guias, etc” somam 7 (sete) registros, isto é, apenas 1% da Coleção. A “Biobibliografia” conta com somente 3 (três) itens do acervo, totalizando apenas 0,4% da Coleção. Os “Dicionários e enciclopédias” contemplam apenas 2 (duas) obras, somando quase 0,3% do acervo. Por fim, os formatos referentes às “Sínteses, compêndios, etc”; “Discursos, ensaios, conferências”; “Vocabulários, glossários, etc.”;

“Guias” e “Relatório”, chegam nem à 1% da Coleção, totalizando 0,15% da Coleção, bem como 1 (uma) obra relativa à cada forma.

Desse modo, é possível depreender que a CMB, no que se refere à compreensão dos assuntos-forma, conta, em grande parte, com bibliografias e dicionários, totalizando ambos 130 (cento e trinta) registros, das 693 (seiscentas e noventa e três) obras pertencentes ao acervo no momento da coleta, isto é, em torno de 19%. As obras encontradas em outro formato, por sua vez, abrangem cerca de 6% da Coleção.

A expressão quantitativa de Bibliografias na CMB esconde ao vazio um grande foco de indagações sobre a constituição do pensamento biblioteconômico-informacional brasileiro. É reconhecida a relevância histórica do conceito de “bibliografia” para a elaboração dos conceitos de “documentação” e “ciência da informação”, emancipados aqui e acolá como noções disciplinares. O uso do termo e suas manifestações na Coleção propõem a importância do signifiante e de sua aplicação na formação do bibliotecário no início do século. Trata-se, claramente, mesmo diante do primeiro contato com o vazio que nos olha da CMB, uma presença tanto teórica quanto metodológica da bibliografia.

- O labirinto bibliográfico das responsabilidades autorais

De acordo com o levantamento e a análise, identificamos que grande parte das obras possui uma variação autoral que não permite a identificação de um “autor-cânone”, uma fonte de autoridade recorrente e replicada, sendo inexpressiva a possibilidade de reconhecimento de um veio de fundamentação teórica pautado em uma autoria. Por sua vez, quando adentramos o labirinto das instituições responsáveis por publicações, as margens de reflexão no âmbito panorâmico abrem alguns importantes pontos para inflexão.

Das obras da CMB, 76 (setenta e seis) são fruto de publicações institucionais. O fato remonta de imediato a relação entre a práxis, a atuação profissional do bibliotecário a partir da formação de grandes instituições, principalmente de natureza pública, e a epistemologia histórica do campo. As obras estão divididas entre 33 (trinta e três) entidades diferentes, sendo 11 (onze) brasileiras e 22 (vinte e duas) estrangeiras. A instituição que mais publicou obras foi a própria Biblioteca Nacional (Brasil), com 17 (dezessete) obras publicadas, característica esta inexistente em toda a experiência de ensino e pesquisa subsequente da formação na BCI, ou seja, uma relação editorial orgânica

fomentada diretamente pela própria instituição de formação (faz-se aqui a exceção de alguns momentos históricos do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e outros casos pontuais, advindos do meio editorial universitário).

A segunda instituição responsável pelas obras da coleção é a *Library of Congress*, com 15 (quinze) obras. Em terceiro, temos o governo brasileiro identificado com 6 (seis) obras publicadas. Em quarto, encontramos as instituições *American Library Association* e *Bibliothèque Nationale* (França), ambas com 3 (três) obras publicadas. Em quinto, temos as instituições Biblioteca Apostólica Vaticana, Biblioteca Nacional (Portugal), *Bibliothèque Royale de Belgique*, e Unesco, todas com 2 (duas) obras publicadas.

Encontramos ainda as seguintes instituições, que permitem perceber com mais ênfase o entrelaçar práxis e epistemologia na conformação do pensamento biblioteconômico: *American Association of School Librarian*, Arquivo Nacional (Brasil), Associação Brasileira de Normas Técnicas, Biblioteca Nacional (Panamá), Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, *Colloque des Bibliothèques Nationales d'Europe*, *Congrès International des Bibliothécaires*, Congresso Regional sobre Documentação, Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus (SP), *Federación Internacional de Documentación*, IBGE, Instituto Internacional de Cooperação Internacional, *Instituto Nacional de Racionalización del Trabajo (España)*, *International Federation for Documentation*, *International Union for the Protection of Literary and Artistic Works*, *Library Building Plans Institutes*, *Louisiana Library Asociacion*, Real Gabinete Português de Leitura (Brasil), SUDENE, Universidade de São Paulo e *Western Reserve University*, todas com apenas 1 (uma) obra publicada.

A narrativa político-geográfica destas instituições e suas configurações históricas nos contam outra face do labirinto da Coleção que nos olha. Trata-se, pois, de um potencial aberto que permite a identificação de indícios singulares na narrativa da CMB, quando comparada com as transformações sócio-históricas da BCI ao longo do século XX. Por exemplo, em que medida a presença de obras anglófonas nos faz repensar a dinâmica de construção dicotômica entre um pretense “humanismo” e um pretense “tecnicismo” na formação biblioteconômica? A curiosa posição da *Library of Congress* neste contexto parece sugerir uma grande centelha no cenário ainda tácito da CMB.

4 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O LABIRINTO BIBLIOGRÁFICO QUE NOS OLHA

Decorrente da emergência das coleções e do colecionismo de livros como temas de estudo desta pesquisa, ainda resta por saber: numa sociedade onde as bibliotecas e os meios de informação são cada vez mais presentes, quais seriam os motivos para colecionar livros? (MURGUIA, 2009, p. 102)

Analisando obras de arte minimalistas, Didi-Huberman (1998) nos permite um convite, aqui, ao potencial epistemológico de uma coleção de livros, como todas as coleções, formada por um conjunto de objetos retangulares, fechados, cobertos de vazios quando não interpretados. Trata-se de perceber o que há de contradição e de confirmação, de passado e de presente em cada obra e em sua intersingularidade.

O exercício do primeiro contato com o labirinto das obras da CMB nos leva à crítica aos “pensamentos binários” feita pelo teórico da arte, nos convoca ao momento do impacto, quando percebemos que algo nos olha e nos admira:

É o momento em que o que vemos justamente começa a ser atingido pelo que nos olha – um momento que não impõe nem o excesso de sentido (que a crença glorifica), nem a ausência de crítica de sentido (que a tautologia glorifica). É o momento em que se abre o antro escavado pelo que nos olha no que vemos. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 77)

Os dados descritivos da Coleção Memória da Biblioteconomia apontam para um olhar sobre nós, colocados dentro do campo biblioteconômico-informacional, ainda repleto de vazios – não tratamos aqui das lacunas entre dadas visões historiográficas, mas grandes volumes de formas e conteúdos ainda inexplorados. Ainda está silenciosa a grande narrativa oculta da Coleção, aguardando faces que procurem se expor diante dela. Retomando a argumentação crítica de Murguia (2009), faz-se necessário pensar as coleções bibliográficas, junto de suas origens e seus percursos, como base epistemológica para problematizar as instituições, espécies de coletoras da cultura – as coleções revelam os saberes e os fazer próprios de cada institucionalidade, suas práticas e suas representações sociais.

Os silêncios sobrevoados por esta pesquisa demonstram, ao mesmo tempo, a condição de fato epistêmico de uma dada coleção no “coração” da epistemologia histórica do pensamento biblioteconômico-informacional. Retomando as considerações epistêmicas de Marshall (2005) sobre as coleções, interpretadas aqui à luz das coleções

acadêmico-científicas históricas, podemos reconhecer, ao olhar para aquilo que nos olha, os livros da coleção CMB como parte da longa narrativa de discurso sobre a verdade do campo.

Reafirmamos que, em um primeiro momento, as lacunas historiográficas, os apagamentos biobibliográficos, os silêncios institucionais ali estão, ainda. E repetimos: uma certa coleção sustenta-se no Rio de Janeiro como uma grande dúvida sobre aquela que é considerada a primeira formação biblioteconômica latino-americana: afinal, o que nos olha, o que nos observa em seus volumes fechados, a Coleção Memória da Biblioteconomia?

Agradecimentos

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

In memoriam

Ao pesquisador Eduardo Murguia, renome central da luta pelos estudos sobre institucionalidade e historicidade no campo biblioteconômico-informacional no Brasil.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

GRAU, Isabel Ariño; SILVA, Cátia Ayres; COSTA, Márcia Valéria Brito. Criando pontes entre passado, presente e futuro: o acervo básico-histórico da primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**, 25., 2013, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Febab, 2013. p. 899-903. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1299/1300>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

JANEIRA, Ana Luísa. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 229-245, jan.-jun., 2005.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan.-jun., 2005.

MURGUIA, Eduardo I. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, ISSN 1518-2924, Florianópolis n. esp., 1. sem. 2009.

SALDANHA, G. S.; ALVARES JUNIOR, L. de S. O mundo é o assunto: epistemologia da indexação no século XIX. In: I CONGRESSO ISKO ESPANHA E PORTUGAL - Informação e/ou conhecimento: duas faces de Jano, 2013, Porto. **Anais...** Porto: Universidade do Porto, 2013.

WEITZEL, Simone R. Desenvolvimento de coleções no Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949). **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 130, p. 111-220, 2010.

WEITZEL, Simone R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61 - 67, jan./jun. 2002.

Recebido em: 29 de janeiro de 2018 Aceito em: 12 de junho de 2018
--